

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E O PAPEL DAS INTELLECTUAIS NEGRAS NO BRASIL

CRISTIANE MARE DA SILVA¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo pensar o papel contra- hegemônico da fala e elaboração das intelectuais negras, mulheres que são constantemente faladas e traduzidas. Frente ao racismo e sexismo, presentes em nossa sociedade, o ato de elaborar falas, escritas, pesquisas, eventos dentro de espaços que representam os privilégios da branquitude no Brasil e em América Latina, confere a essas intelectuais, um papel extremamente necessário e urgente, renovando a perspectiva do que são os direitos humanos. Pois diria Bell Hooks, experimentar aos ouvidos as nossas narrativas, problematizar nosso cotidiano, ensaios não raras vezes confessionais é antes de tudo fugir do limbo do qual somos constantemente reiteradas. É ser protagonista de uma tradição do pensamento negro em diáspora desde a década de 1930, ao nos perguntarmos quem sou eu, nesse mundo branco? Quem somos nós mulheres negras, nesse mundo branco? Portanto, se a perspectiva das mulheres negras, é estar em todos os lugares e em constante movimento, a academia e espaços de educação universitária confere a essas mulheres um desafio, pois são nestes espaços que a produção de conhecimento e seu reconhecimento se desenvolvem, evidenciando que se faz necessário uma transformação radical de capitais intelectuais presentes em nossas sociedades latino-americanas. Um texto, inspirado em diálogo com Bell Hooks, Lélia Gonzalez e todas as mulheres negras, que aceitaram o desafio de falar de si.

Palavras chave: Feminismo Negro; Intelectuais; Produção de Conhecimento.

O sistema pode até me transformar em empregada, Mas não pode me fazer raciocinar como criada. Yzalı

O presente diálogo tem como objetivo pensar o papel contra- hegemônico da fala e elaboração das intelectuais negras no Brasil, pois participam de espaços, dos quais são constantemente faladas, observadas, traduzidas, ao mesmo tempo que partem do desafio de promover diálogos entre movimentos negros e de mulheres negras e a produção do conhecimento. Frente ao racismo e sexismo presentes em nossa sociedade, o ato de elaborar falas, escritas, pesquisas e eventos dentro de espaços acadêmicos que tangenciem vidas negras é revolucionário.

1 Cristiane Mare da Silva. Doutoranda pela PUC/SP em História Social. Feminista negra: Integrante do Coletivos Pretas em Desterro e Coordenadora de Mulheres da Unegro. Colunista do Portal Catarinas e Conselheira do Condim de Palhoça. <cristiane.mare.silva@gmail.com>

Nessa desventura Colonial/Racial em que os nossos corpos negros precisam ser constantemente torturados, os corpos de mulheres negras sofrem uma asfixia ainda maior, posto o lugar de fala e construção social vividos em nossa sociedade, em que as violências raciais e de gênero, são estruturantes. Portanto, não se trata de vitimização, ou de uma competição frente aos condenados da terra, mas de assumir agendas políticas transversais, nas áreas de acesso à moradia, saneamento básico, da saúde, acesso à educação e sua permanência, valorização do trabalho, reflexões que garantam assistência, economia e o bem viver² dessas mulheres. Desse modo, pensar em políticas públicas específicas são fundamentais, pois hoje a secretaria responsável por políticas para mulheres, tem todos os dados das condições sociais vivenciadas por mulheres negras nacionalmente, porém segue com dificuldade de sair da situação de denúncia, esquecendo que este papel cabe aos movimentos de mulheres, e eles o fazem desde a década de 70.

Alguns temas ainda são tabus, quanto pesquisas em espaços universitários, temas não raras vezes ligados diretamente à vida das mulheres e que se potencializam no cotidiano das mulheres negras e pobres: Violência doméstica, o feminicídio, evidenciando também a morte por aborto como feminicídio, a não legalização do aborto e sua criminalização como a ausência do estado referente a saúde coletiva das mulheres.

Tais ações políticas precisam estar atreladas a uma produção de conhecimento que problematize e deem conta das especificidades vividas e enfrentadas, nas mais diversas áreas do conhecimento, a necessidade, por exemplo, de desenvolvermos pesquisas, para refletir eticamente sobre a legalização do aborto, esses conferem alguns desafios para universidades como projeto de desenvolvimento para a comunidade que lhe financia, mas também compreendemos que os corpos estigmatizados não apenas devem ser objeto de estudo como desenvolver epistemologias dentro deste espaço de poder.

Sendo assim, resistir e fugir ao anulamento social, constituem a tônica desses corpos. Na incessante exploração de mulheres e homens brancos que nos desejam mudas e intimidadas, pois assim se torna mais fácil a tarefa da tradução e representação.

Como diria Lélia González: Cumé que a gente fica?

... Foi então que uns brancos muito legais convidaram a gente prá uma festa deles, dizendo que era prá gente também. Negócio de livro sobre a gente, a gente foi muito bem recebido e tratado com toda consideração. Chamaram até pra sentar na mesa onde eles tavam sentados, fazendo discurso bonito, dizendo que a gente era oprimido, discriminado, explorado. Eram todos gente fina, educada, viajada por esse mundo de Deus. Sabiam das coisas. E a gente foi sentar lá na mesa. Só que tava cheia de gente que não deu prá gente sentar junto com eles. Mas a gente se arrumou

2 Lembrando que a investigação e análise sobre a identidade racial branca procura problematizar aquele que numa relação opressor oprimido exerce o papel de opressor, ou por outras palavras, o lugar do branco numa situação de desigualdade social (Lourenço Cardoso, p. 607).

muito bem, procurando umas cadeiras e sentando bem atrás deles. Eles tavam tão ocupados, ensinado um monte de coisa pro crioléu da platéia, que nem repararam que se apertasse um pouco até que dava prá abrir um espaçozinho e todo mundo sentar juto na mesa. Mas a festa foi eles que fizeram, e a gente não podia bagunçar com essa de chega prá cá, chega prá lá. A gente tinha que ser educado (GONZÁLEZ, 1984, p. 223).

Deste modo, aponto para as acadêmicas e professoras negras presentes³, vamos continuar indo aos banquetes organizados para nós, ou vamos organizar nossas kizombas? E por tanto é necessário parar de fugir da ideia de ser uma intelectual, ou dar as costas á oportunidade da compreensão de ferramentas úteis para a sistematização e reflexão acerca do mundo em que vivemos, embora este espaço universitário nem sempre lhe confira sabedoria, é certo que com dedicação e disciplina possamos adquirir conhecimento e maiores oportunidades em nossa sociedade.

Assim pode ser transformadora a existência de estudantes negras/professoras na perspectiva da elaboração de novos temas e novas epistemologias, que dialoguem em seus trabalhos com a interseccionalidade, mostrando-nos a importância das ações afirmativas tanto para estudantes e igualmente para os concursos de docentes. Precisamos trazer á tona a importância de professoras universitárias, de intelectuais Pretas, em nossa academia, nomear nossas feministas. De acordo a Bell Hooks,

Embora hoje mais que nunca haja sem duvida muito mais negras acadêmicas elas são na maioria das vezes anti-intelectuais (uma posição que é frequentemente consequência do sofrimento que suportaram como alunas ou professoras encaradas com desconfiança e desprezo por seus pares) Na vida diária podem insistir em que o trabalho que fala diretamente da experiência concreta e mais valiosa que as formas de trabalho intelectual não produzidas para ser comercializadas para um publico de massa Diante da falta de endosso e apoio publicas constantes as negras que escolhem vocações intelectuais quando enfrentam esse trabalho em isolamento em espaços privados não admira que negras individualmente se sintam oprimidas por duvidas que esses espaços intensifiquem receios de incompetência receios de que suas ideias talvez não mereçam ser ouvidas As negras têm de revisar ideias de trabalho intelectual que nos permitam abarcar a preocupação com a vida mental e o bem-estar da comunidade (HOOKS, 1995, p. 472, 473).

Quanto acadêmicas demoramos para perceber como ideias aparentemente autônomas, expressão de nossos sentimentos e da crença do indivíduo livre e autônomo, nada mais são do que a hegemonia ocidental Racista e Sexista, atuando em nossas decisões e guiando nossos destinos, nos enredamos á naturalização que o domínio intelectual é menos importante que as atividades avaliadas como concretas ou culturais, que podemos militar sem elaborar as nossas atividades, ou rompermos com a colonização sem uma densa elaboração e incorporação da ciência produzida por nossos pares.

3

É preciso fugir de premissas raciais vigentes desde o fim do século XIX, quando o ocidente ao hierarquizar as raças, também impele aos mais diferentes grupos raciais, os trabalhos e atividades que deverá ser empenhado por um e por outro. Em contornos a nossa sociedade machista que tampouco vê com bons olhos, a mulher nestes espaços de prestígio e visibilidade.

Num contexto social capitalista de supremacia patriarcal branca como esta cultura nenhuma negra pode se tornar uma intelectual sem descolonizar a mente. Mulheres negras podem se tornar académicas bem-sucedidas sem passar por esse processo e na verdade a manutenção da mente colonizada pode habilitá-las a vencer na academia mas isso não intensifica o processo intelectual. O modelo de insurgência que Cornel West defende identifica adequadamente tanto o processo em que negras devem empenhar-se para se tornar intelectuais quanto as posições que temos de assumir para manter e alimentar essa escolha. Para contrabalançar a baixa estima constante e ativamente imposta às negras numa cultura racista/sexista e anti-intelectual aquelas entre nós que se tornam intelectuais devem estar sempre vigilantes. Temos de desenvolver estafegas para obter uma avaliação crítica de nosso mento e valor que não nos obrigue a buscar avaliação e endosso críticos das próprias estruturas, instituições e indivíduos que não acreditam em nossa capacidade de aprender (HOOKS, 1995, p. 474)

Dito isto, é sine qua non estarmos neste espaço universitário discutindo e relativizando a importância das mulheres negras e a divisão racial do trabalho, diante colegiados formados por homens e mulheres brancas, eles nos dizem que nesse clube, temos lugar reservado, na organização e limpeza das universidades, servindo cafés ou em suas cantinas.

Para tanto, se faz necessário, evidenciar e negritar essas contribuições, representar nossas mulheres, pois na medida que habilitamos essas vozes asfixiadas, refutamos a memória coletiva do não lugar das mulheres negras, de um imaginário que nos coloca universalmente dentro do inenarrável, assim como a constante emergência de avançarmos e pontuarmos nossas agendas em torno de políticas públicas.

Gerações de mulheres desde a década de 70, em especial as feministas negras e movimento de mulheres, cavam, desenterram, vestígios da participação de nossas mulheres na história do Ocidente e no Brasil. Como é o exemplo da AMAB, de acordo a Carol Carvalho, a Associação de Mulheres Negras Antonieta de Barros de Florianópolis-SC, tem como fundadoras a professora Altair, a professora Uda Gonzaga, Valdionira e a professora Neli Goes, que se organizam desde a década de 80 no estado de Santa Catarina, com discussões em torno de Gênero e Raça.

Pontuando, que embora a Marcha das Mulheres Negras, tenham sido crucial para uma ampla divulgação da necessidade de pautas para políticas públicas específicas para as mulheres negras, foram inúmeras as mulheres do estado e nacionalmente a visibilizá-las. Evidenciando que nossos passos vem de longe, talvez a novidade seria

movimentos de mulheres negras no estado, no Brasil e internacionalmente, nomeadas e nomeando-se em alto e bom som, como feministas negras.

O Comitê Nacional Impulsor da Marcha das Mulheres Negras, que ocorreria em Brasília em 18 de novembro, no manifesto publicado em 13 de maio de 2015, afirmava,

Não aceitamos ser vistas como objeto de consumo e cobaias das indústrias de cosméticos, moda ou farmacêutica. Queremos o fim da ditadura da estética europeia branca e o respeito à diversidade cultural e estética negra. Nossa luta é por cidadania e a garantia de nossas vidas. Estamos em Marcha para exigir o fim do racismo em todos os seus modos de incidência, a exemplo da saúde, onde a mortalidade materna entre mulheres negras estão relacionadas à dificuldade do acesso a os serviços de saúde, à baixa qualidade do atendimento recebido aliada à falta de ações e de capacitação de profissionais de saúde voltadas especificamente para os riscos a que as mulheres negras estão expostas; da segurança pública cujos operadores e operadoras decidem quem deve viver e quem deve morrer mediante a omissão do Estado e da sociedade para com as nossas vidas negras.



Foto Nani Cabral, 2015

Embora os comitês regionais de cada estado, tenham tido a liberdade de definir suas pautas, este manifesto é representativo, pois acolhe as principais demandas das mobilizações para o dia 18 de novembro, um momento histórico não apenas para 50 mil mulheres presentes na marcha, mas para todas aquelas que se envolveram,

compreendendo o sentido daquele encontro, em que memórias, sociabilidades, performances foram compartilhadas e atualizadas. Abaixo, foto das mobilizações para a Marcha das Mulheres Negras, no estado de Santa Catarina.

No conjunto de suas experiências, táticas contra-hegemônicas, a literatura afro-feminina, a música e as artes plásticas construíram e fortaleceram novos arranjos políticos com potencial para mudar as nuances e perspectivas do movimento negro, de resistências e dos feminismos, nos permitindo apreender dilemas, desafios e vivências que longe de estarem desconectadas se socializam através das artes, da tecnologia e de encontros presenciais.

A rapper MC Sofia, em seus versos *Menina Pretinha*, evidencia como o racismo se presentifica na infância, o papel da assimilação em nossa sociedade, ao mesmo tempo que o eu lírico potencializa a força de sua ancestralidade africana e a não naturalização das violências sofridas,

Vou me divertir enquanto sou pequena

Barbie é legal, mas eu prefiro a Makena Africana

Como a história de griô, sou negra e tenho orgulho da

Minha cor

A menina de 12 anos, que cantou publicamente aos seis anos e faz sucessos com rimas que expressam resistência negra, autoestima e os impactos do racismo afirma, “Mesmo que eu não cantasse, eu poderia estar desenhando ou fazendo ‘youtubes’. Há várias formas de falar sobre racismo, mas escolhi a música porque gosto de cantar” (Soffia, 2016, p. 21).

Para Ivy Guedes e Aline Silva, “Historicamente a população negra se reinventa não só para a manutenção das heranças africanas, mas para se inserirem nessa sociedade marcada pela exclusão de pretos e pobres” (GUEDES; SILVA, 2014, p. 217).

Neste limiar de exclusões, o corpo das mulheres afros condensa um significado que as diferenciam/potencializam, pois vivemos o conflito de uma luta antirracista, sem pretensões em discutir as questões de gênero e com inúmeros conflitos machistas no interior de nossas organizações e de um feminismo onde jamais encontramos a história de nossas vidas ou de nossas grandes mulheres inscritas em sua literatura. No Brasil, figuras como Luiza Mahin, Chica da Silva, Chiquinha Gonzaga, Antonieta de Barros, Lélia González, Alzira Rufino, Carolina de Jesus, Irmandade da Boa Morte e tantas outras trajetórias de vida que iluminam o caminho das afro-brasileiras, não estão entre os clássicos ditos feministas.

Desde Bell Hooks, destacada feminista afro-americana e os ensinamentos que ela nos deixa sobre os condicionantes que atuam na construção e na opressão das mulheres negras, poucas foram às mulheres brancas e homens negros que aprenderam sobre o seu significado e importância. Para tanto, é relevante registrarmos

e construímos epistemologias a partir dos nossos conhecimentos, conferindo-nos visibilidade, reconhecimento e empoderamento .

Segundo a escritora Conceição Evaristo,

A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é uma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. (...) Então eu gosto de dizer isso: escrever, o exercício da escrita, é um direito que todo mundo tem. Como o exercício da leitura, como o exercício do prazer, como ter uma casa, como ter a comida (...). A literatura feita pelas pessoas do povo, ela rompe com o lugar pré-determinado. (EVARISTO, 2010)

O ato de refletir sobre si e sua comunidade é também um ato de empoderar-se, e registra momentos de insurgências. Para tal, os movimentos de mulheres negras contemporâneo ao interseccionar bandeiras de classe, raça, gênero e orientação sexual, acabam por assumir pautas referentes aos movimentos negros e feministas. Segundo a autora Suely Carneiro, “De um lado, “enegrecendo” as reivindicações das mulheres, tornando-as mais representativas no conjunto das mulheres brasileiras, e, por outro, promovendo a feminização das propostas e reivindicações do movimento negro” (CARNEIRO, 2011, p. 03).

Deste modo, como as categorias Mulher, Experiência e Política Pessoal, base para pensar a opressão feminina poderiam dar conta destes corpos de mulheres construídos pelo racismo e pelas consequências do mesmo em nosso cotidiano? Tampouco, a teoria feminista socialista conseguiu compreender a profunda desigualdade da qual vivenciavam essas populações sub-representadas e que não se tratava de uma dupla ou tripla opressão, tendo como principal condicionante a experiência de gênero. Porém, tratava-se sim, de outras pluralidades.

Sendo assim, aprendemos que ao postularmos a palavra Feminismo, é costumeiro que esta venha no singular, como substantivo capaz de dar uniformidade a todas as agendas dos diversos grupos feministas, ou sobre as desigualdades de gênero compartilhado por mulheres. A palavra que quase sempre nos chega como célula unívoca se mostra multifacetada, ao colocarmos essas categorias em análise com a nossa sociedade. Pois, ao trabalharmos com categorias que buscam em sua essência a construção de uma identidade comum a todas as mulheres iremos encontrar incoerências. Das quais são constantemente questionadas pelo chamado Feminismos Negros, já que nós não pretendemos essa identidade que se quer capaz de representar a todas as mulheres, falamos de um lugar racial e de gênero específicos, lembrando que a raça no Ocidente é estruturante para a construção da classe social, e de uma representação que nunca nos tocou as mesmas condições das mulheres brancas, já que a identidade de gênero também é composta de poder e hierarquia.

Logo, são necessárias mudanças nas leituras e ferramentas interpretativas para compreender as brechas no campo das lutas sociais protagonizadas por nós, como reflexo dessas abordagens o encontro de mais de 50 mil mulheres na capital do país intitulada: Marcha das Mulheres Negras 2015, contra o Racismo o Sexismo e pelo

Bem Viver, as múltiplas linguagens estéticas aqui apresentadas e que evidenciam diferentes modos de produzir conhecimento tem o interesse de negritar, que a Marcha também é fruto do reconhecimento e potencial das construções, entre estas redes de mulheres negras, em que a estética é um dos fios condutores de suas experiências e ressignificações, ao mesmo tempo que atuam como uma contra-narrativa à hegemonia cultural. Hoje, também o feminismo decolonial vem apontando críticas a esse sistema de pensamento, baseado na cultura eurocêntrica. Para Ochy Curriel Pichardo (2014)

Este reconocimiento no puede ser solo un insumo para limpiar culpas epistemológicas, no se trata de citar feministas negras, indígenas, empobrecidas, para dar el toque crítico a las investigaciones y a los conocimientos y pensamientos que se construyen. Se trata de identificar conceptos, categorías, teorías que surgen desde las experiencias subalternizadas, que son generalmente producidas colectivamente, que tienen la posibilidad de generalizar sin universalizar, de explicar distintas realidades para romper el imaginario de que estos conocimientos son locales, individuales, sin posibilidad de ser comunicado (PICHARDO, 2014, p. 57).

Logo, estudos, coletivos de mulheres negras, pesquisas e textos literários, vidas que vem se entretecendo para que corpos de mulheres negras, possam falar de si e de sua humanidade, rompendo com estruturas hegemônicas que lhe são impostas desde o nascimento, na produção de fissuras, pois dentro de espaços com ranços escravocratas e coloniais, não existe lugar, tampouco legitimidade para a nossa voz e existência. Em territórios que imperam os resquícios e a consequência do colonialismo, os não brancos precisam invariavelmente de tradutores, pois os colonos e seus descendentes, são incapazes de ouvir outras vozes, que não a si mesmo. Seja o corpus de professores universitários brancos insensíveis a nossa razão e conhecimento, assim como os demais corpos assimilados.

Ao mesmo tempo em que denunciamos os privilégios de branquitude e a divisão racial e sexual do trabalho (lembrando que a população negra ocupa os piores índices nessa divisão), ao fazer o recorte de gênero e em comparação com as mulheres brancas fica em evidencia o lugar de privilégio de homens e mulheres brancas neste país e na diáspora, que participam de todo espaço que configure status, prestígio e poder.

Conferindo a estudantes e professoras, ativistas e feministas negras um papel extremamente necessário e urgente. Pois, seguindo os passos de Bell Hooks, experimentar os ouvidos as nossas narrativas, problematizar o nosso cotidiano, ensaios não raras vezes confessionais é antes de tudo fugir do limbo do qual somos constantemente reiteradas. É ser protagonista de uma tradição do pensamento negro em diáspora desde a década de 1930, ao nos perguntarmos quem sou eu, nesse mundo branco? Quem somos nós mulheres negras, nesse mundo branco? Portanto, se o desafio é estar em todos os lugares, a academia e os espaços de educação universitária confere às mulheres um espaço desafiador, pois são nestes rincões que a produção de conhecimento e seu reconhecimento se desenvolvem, no sentido que é preciso

construir uma transformação radical do capital intelectual, como afirma Achille Mbembe o Racismo se organiza a partir da produção do conhecimento, controle da religião e modelo de governo.

Se o mundo das mulheres negras é marcado pelo trabalho, a sobrevivência e a urgência, marca não raras vezes uma existência, em que o tempo da elaboração torna-se escasso e mesmo ao retirar-nos dessas condições básicas de sobrevivência, fica –se o ferro e suas cicatrizes.

O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras segue um padrão estabelecido nos primeiros dias da escravidão Como escravas o trabalho compulsório obscurecia todos os outros aspectos da existência das mulheres Parece pois que o ponto de partida para uma investigação da vidas das negras sob a escravidão seria uma avaliação de seus papeis como trabalhadoras (DAVIS, 2016)

Desta forma, é seguro dizer que a pesquisa científica protagonizada por intelectuais negras é um dos elementos fundamentais para a mudança da sociedade brasileira e latino-americana, visto que a ciência, como um produto social, deve ir além de conhecer a realidade, interferindo nela, considerando que a transformação do capital cultural é um passo fundamental na capacidade de transformar a sociedade, ademais que um número expressivo de professoras universitárias pretas bem remuneradas, constituiria em si, uma mudança radical no lugar ocupado/ estigmatizado das mulheres negras no país, afinal nossa luta não é apenas pelo reconhecimento do racismo/sexismo nas estruturas de poder, mas ao compreendermos seu funcionamento é necessário romper suas ferramentas de exclusão e negação de direitos.

Ademais nosso trabalho não é separado da política cotidiana, e sim elaborado a partir dela e de suas necessidades, com a diferença que a capacidade de elaboração nos permite olhar para a nossa realidade e entende-la, sem a reprodução constante de condutas racistas e sexistas, ou pelo menos a capacidade de denunciar a nós mesmas, quando pensamos, praticamos ou argumentamos a favor de discursos que são as nossas próprias correntes, sem tempo para a organização, elaboração e capacidade de discernir, seguimos na condição de escravizadas, pois é da natureza da escravidão, o controle do trabalho, da obediência e do sexo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, CHIMAMANDA NGOZI. **Sejam Todas Feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- CARNEIRO, SUELI. **Mulheres em Movimento**. Revista Perspectivas em Saúde Reprodutiva. São Paulo, Fundação MacArthur, maio 2001, n. 4, ano 4. Disponível em, <http://www.revistas.usp.br/eav/article/viewFile/9948/11520>. Acessado em 25 de junho de 2016.
- . **Enegrecer o feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. 2013. Disponível em: <<https://rizoma.milharal.org/files/2013/05/Enegrecer-o-feminismo.pdf>>.
- CARVALHO, CAROL LIMA DE. **Negras em Movimento: Associação de Mulheres Negras Antonieta de Barros (1985-2015)**. TCC (Graduação)-Curso de História, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- DAVIS, ANGELA. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- GONZALES, LELIA. Raça, Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.
- HALL, STUART. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed Puc Rio, 2016.
- HOOKS, BELL. **Intelectuais Negras**. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16465/15035>>. Acessado 08 de dezembro de 2012
- MATTOS, IVANILDE GUEDES DE; SILVA, ALINE. **Vício Cacheado: Estéticas Afro-Diaspóricas**. Revista da ABPN 2014, v. 6, n. 14. Disponível em <<http://abpn1.tempsite.ws/Revista/index.php/edicoes/article/viewFile/478/343>>. Acessado em 20 de outubro de 2016
- MBEMBE, ACHILE. **Crítica da Razão Negra**. Portugal: Antígona, 2014.
- PICHARDO, OCHY CURIEL. **Construyendo metodologías feministas desde el feminismo decolonial**. In: Otras formas de (re)conocer. Reflexiones, herramientas y aplicaciones desde la investigación feminista. Organizadoras: Irantzu Mendia Azkue, Marta Luxán, Matxalen Legarreta, Gloria Guzmán, Iker Zirion, Jokin Azpiazu Carballo, 2014.
- QUIJANO. ANIBAL. **Colonialidade do poder eurocentrismo e América Latina**. In Lander, E. (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires, Clacso, 2005.
- SOFFIA, M. C. **De avó para neta, de mae para filha**. Cult, (217), 2016, p. 21-23.